

A ETERNIDADE NÃO TEM PRESSA

Que difícil é intitular um texto quando a ameaça do fim do mundo está sobre a mesa, está sobre as nossas cabeças.

Vem cara a nós como um abismo que se abre, em vez de cara ao chão, cara ao céu, roubando de nós a eternidade. Pois não pode haver eternidade cara ao futuro se a perdermos cara ao passado.

De nada nos serve sabermos voar se non temos mais chão onde ir pousar, voar assim não é livre, voar assim é uma condena.

Nós queremos que o nosso mundo permaneça, passá-lo adiante como a nós nos foi passado; ora, para herdar o mundo, para possuí-lo mesmo, não é preciso violá-lo, esmagado entre os dedos até reduzi-lo a umas quantas moedas, ainda que fossem de ouro...

Falava eu o outro dia com as irmãs em Covas, e sabíamos todas, incluso antes de abrirmos a boca, que nem que nos oferecessem milhões de euros, milhões e milhões, jamais aceitaríamos, porque quem assim se vender, não importa o preço, morre em vida, morre para sempre... Mas sempre haverá um Judas.

Sim, Judas existe. Houve um tempo em que eu não cria na divisão entre o bem e o mal.

Que inocente...

Um tempo em que eu acreditava que era por ignorância. Que os que obravam mal era por não saberem, era porque a beleza do bem não lhes tinha sido revelada, não os tinha tocado.

Que inocente...

Pois eles obravam mal sempre no mesmo sentido, sempre cara o bolso deles. Ora, o tempo da inocência já vai passando, agora sei que a ignorância é apenas uma das armas do mal, uma das armadilhas do capital...

Sempre nos fizeram comungar com rodas de moinhos, disfarçados de roscas boas de comer. E nós tão inocentes, picamos e picamos...

À medida que vamos abrindo os olhos e vamos vendo as suas trampas, eles vão mudando o especto dessas rodas que nos querem obrigar a engolir. Noutro inundaram as nossas aldeias; juntos com os fornos comunais e as lareiras afogaram as nossas memorias. Roubando-nos pedacinho a pedacinho a nossa história...

Hoje isso parece-nos selvagem, afogar-nos assim em pântanos, mas ainda não percebemos como olham para outro lado quando ardemos, quando nos queimam em incêndios florestais.

E agora vêm com as suas mãos metálicas roubar o vento, até-lo a braços gigantes, volvé-lo contra nós, abafar-nos com o nosso próprio alento. O que vamos fazer? Seguir tao inocentes?

Não ver a mão do mal como se esconde, como entra as escuras, sorrateiramente, e move aqueles que são os seus marionetes. Sim, o mal existe. Reflexionemos, reflexionemos todos e todas... ou será tarde demais?!

Eu quero lançar livres as palavras, pela eterna bondade do povo, disse quero quando deveria ter dito necessito. Sangra dentro de mim um sagrado recôndito da Terra que habita dentro de nós.

Dói-me o povo e a nossa memória, dói-me o espírito das cousas todas. Dos carvalhos, dos penedos, dos regueiros, das correioiras, doem-me os passarinhos, e até me doem os raposos, o teixugo, a doninha e o javali e a loba de Pena-Cereija...

O nosso Universo está sendo ameaçado e nós somos a voz desse Universo, nós somos os seus olhos, nós somos os seus braços, somos o seu coração, o seu grito. Nós somos o pulsar da vida, morninha e colorida, fronte a palidez de aço da morte eólica.

Não! ao roubo da vida em nós, não ao barulho desses diabos com cornos cinzentos que abafarão o berro da nossa Cabrita d'Ouro, enterrada nos montes da Rainha-Loba para que nenhum judas a roube.

E como iriam então voar os Martelos dos nossos ancestrais, os descendentes de Suquellos, o nosso deus celta oculto nas terras do Larouco? Como voariam desde a Penedo da Mulher até o Zebreiro, desde o Castelo Velho até Guioncha?

Querem enterrar a nossa memória e ocupar os nossos corpos doces com a memória de outros.

Mas nós diremos Não! Como já dizemos sempre! Nós diremos Não!

Nós Resistiremos...!

E eles pode ser que consigam imporem-se nalguns lugares, como já se estão impondo, entrando como alguns alcaldes, lobos com peles de cordeiro.

Mas eles jamais vão ganhar, ainda que vençam alguma batalha, porque nós jamais nos renderemos.

Seremos ave Fénix, renasceremos tantas vezes como necessário seja... E no final venceremos, porque nós, escuitem bem esses judas que roubam para habitar no falso céu do dinheiro, nós jamais, jamais, jamais nos renderemos.

Concha Rousia, dezembro 2022